

Para a análise gramatical de formas de construção metafórica do conhecimento no texto jornalístico

Teresa Oliveira

Abstract: Perception verbs are often used as markers of mediativity, as they are able to render the source of the information that the speaker shares with others, as well as to encode the distance between the speaker and what he says. A verb such as *cheirar* ('smell') occurs often in metaphoric constructions that link sensory perception to information acquisition. That is, it encodes an inferential reasoning of the speaker, based on cognitive evidence, the perception meaning becoming figurative. The evidence that supports the inference is mostly to be gathered in the discourse context. An analysis of some occurrences of this verb was conducted, in order to identify and classify the specific construction types in which this verb of perception is used with a mediative value.

1. Marcação linguística das fontes do conhecimento

No quadro da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, designa-se por mediativo¹ a “categoria gramatical que indica que o enunciador faz referência a situações (estáticas ou dinâmicas) das quais ele não assume a responsabilidade, por ter tido conhecimento delas por via indirecta, o que lhe permite manifestar diversos graus de distância em relação ao conteúdo da sua própria mensagem, e permite ao co-enunciador pôr em questão, refutar o conteúdo da mensagem” (trad. Guentchéva, 1996: 11).

¹ Habitualmente estudado no âmbito dos estudos de evidencialidade (designação cunhada a partir do termo inglês “evidential”, amplamente utilizado a partir de Jakobson, 1957).

Esta categoria mostra-se particularmente produtiva na análise de línguas que possuem marcas morfológicas que indicam a fonte enunciativa. Em línguas que não comportam marcas morfológicas de mediativo, como o português, este é veiculado por processos sintácticos e/ou por marcadores não exclusivos deste valor. Considera-se, assim, marcador mediativo “uma expressão linguística que surge no enunciado e que indica se a informação transmitida nesse enunciado foi retomada pelo locutor a outra fonte enunciativa ou se foi criada pelo próprio locutor, através de uma inferência ou de uma percepção” (trad. Dendale & Tasmowski, 1994: 5).

Segundo Guentchéva (1994: 8-9), o mediativo agrupa diferentes valores, a saber, o citacional, o inferencial e o

admirativo, consoante os factos são relatados a partir do discurso de outrem, incluindo os rumores e os conhecimentos transmitidos pela tradição (mitos, lendas, narrativas históricas, etc.), inferidos pelo sujeito enunciador ou quando a sua constatação imprevista é motivo de surpresa. Neste texto, ocupar-nos-emos apenas do valor inferencial.

O valor inferencial deriva da construção do conhecimento a partir de indícios, habitualmente, de duas formas: inferência a partir de resultados e conclusão baseada em raciocínio (Aikhenvald, 2006: 174). Whitt (2009) defende que os verbos de percepção são marcadores privilegiados de mediativo, sobretudo em línguas que não possuem marcadores morfológicos deste valor. Estes verbos têm, na sua aceção habitual, um significado que exprime uma determinada percepção sensorial, como por exemplo em:

(1) Este vestido cheira a
naftalina

(2) Este bolo sabe a laranja

Simultaneamente, possuem significados, adquiridos por extensão semântica e que, de forma metafórica, associam a percepção sensorial à aquisição do conhecimento, permitindo a construção do conhecimento a partir

de indícios cognitivos, como em:

(3) Este caso cheira a esturro

(4) Tudo isto sabe a repetição

2. Construção do conhecimento a partir de verbos de percepção sensorial

O conhecimento pode ser obtido por intermédio de qualquer um dos sentidos, sem, porém, apresentar o mesmo grau de fiabilidade. Regra geral, confiamos mais naquilo que os nossos olhos vêem e naquilo que ouvimos do que naquilo que cheiramos. A frequência do uso dos verbos de percepção sensorial mostra isso mesmo, na medida em que uns são muito mais usados do que outros. Viberg (1983: 136) propõe a seguinte hierarquia para os verbos de percepção sensorial:

(5) Visão > Audição > Tacto >
{Olfacto, Paladar

O mesmo autor faz a distinção entre verbos de percepção orientados para o sujeito e orientados para o objecto. Os verbos de percepção orientados para o sujeito são transitivos e apresentam o experienciador como o sujeito gramatical do verbo, enfatizando o seu papel no acto de percepção. Podem ser subdivididos em verbos agentivos e verbos experienciais (“experiençer verbs”), consoante focam a volição do

sujeito e a sua intenção de experienciar, ou apenas o próprio acto de percepção (definição e exemplos de Whitt, 2009: 1085). Whitt ilustra com os seguintes exemplos de verbos de percepção orientados para o sujeito, respectivamente, de tipo agentivo e de tipo experiencial:

(6) Anna listened to the music.

(7) Anna heard the music.

Os verbos de percepção orientados para o objecto são intransitivos, apresentam o objecto experienciado (ou estímulo) como o sujeito gramatical da oração e o experienciador não necessita de estar expresso (definição e exemplos de Whitt, 2009: 1085):

(8) The music sounds loud.

(9) Anna sounds sick.

Estes verbos não se limitam a descrever um acto de percepção, mas tendem a exprimir uma avaliação ou um juízo de valor do sujeito enunciador, baseados na percepção. Assim, no primeiro caso ilustrado, é descrita uma característica da música; no segundo, estamos perante uma inferência do sujeito enunciador, com base em indícios auditivos.

E quando e como é que um verbo de percepção sensorial é um marcador de evidencialidade? Whitt (2009: 1086) sustenta que um verbo de percepção, para ter valor evidencial, deve, para

além de denotar percepção, ter um significado deíctico que lhe permita indicar a evidência da proposição, significado deíctico este que está sempre ligado ao enunciador. Ilustra com os seguintes exemplos:

(10) I hear Anna singing.

(11) George hears Anna singing.

(12) You sound tired.

(13) I sound tired.

O enunciado (10) tem valor evidencial: contém duas proposições, a segunda das quais é validada pela evidência auditiva contida na primeira (posso afirmar que a Ana está a cantar porque estou a ouvi-la cantar). Enunciados como (14) não têm valor evidencial, porque se limitam a validar uma única proposição:

(14) I hear thunder.

O enunciado (11) não tem valor evidencial, uma vez que se limita a efectuar uma predicação sobre o sujeito do enunciado, sem que esteja em causa a forma como o sujeito enunciador teve acesso a qualquer uma das informações, quer a que está contida na primeira oração, quer a que está contida na segunda.

Em (12), temos apenas uma proposição, mas, segundo Whitt (2009: 1056), duas camadas de significação: um acto de percepção e uma inferência baseada nessa percepção. É o acto de percepção

que proporciona a evidência à inferência do enunciador (a tua voz e a tua respiração, por exemplo, dão-me indícios de que estás cansado). Já em (13), não há qualquer inferência, nem é apresentada qualquer fonte da informação.

Whitt (2009: 1086) afirma que, regra geral, os verbos de percepção orientados para o sujeito só têm valor evidencial quando combinados com sujeitos gramaticais de primeira pessoa, o que é ilustrado pelo contraste entre (10) e (11), enquanto os verbos de percepção orientados para o objecto têm valor evidencial quando conjugados com sujeitos gramaticais de segunda e terceira pessoa – contraste entre (12) e (13).

Note-se que, âmbito do estudo do mediativo, apenas será a reter o caso ilustrado em (12), que codifica uma inferência do sujeito enunciador, marcando o verbo de percepção a distância entre o enunciador e o conteúdo da sua própria mensagem. Epistemicamente, não há uma asserção estrita, mas uma probabilidade forte, baseada em indícios. O caso ilustrado em (10) não apresenta qualquer distanciamento enunciativo. Por esta razão, despertou o nosso interesse a construção tipificada em (12),

nomeadamente, com o verbos *cheirar*.

3. *Cheirar*

Cheirar é um verbo de percepção sensorial que surge frequentemente associado à construção inferencial do conhecimento. Porém, esta relação entre a percepção sensorial e a percepção cognitiva não se encontra regularmente referida nos dicionários, o que poderá sugerir que é menos consensual como verbo evidencial, pelo que se mostrou interessante para um trabalho de análise mais exaustivo, usando um *corpus* de ocorrências atestadas. As ocorrências analisadas foram retiradas da colecção CHAVE v. 2.0², que disponibiliza os textos integrais das edições completas dos jornais *Público* e *Folha de São Paulo*, dos anos de 1994 e 1995. O facto de poder dispor dos textos completos foi decisivo na escolha desta colecção, na medida em que, em grande parte das ocorrências, os indícios que permitem a construção da inferência estão distribuídos ao longo do texto.

Foram consideradas construções inferenciais as pertencentes aos tipos semânticos e sintácticos assim

² Esta colecção foi compilada pela Linguateca (www.linguateca.pt), no quadro do CLEF (www.clef-campaign.org).

parafrazeados³ e ordenados por frequência de ocorrência no *corpus*:

- (i) Causar determinada impressão; despertar certas suspeitas; ter aparência, semelhança; dar indícios; parecer; ex.: *cheira a esturro*;
- (ii) Ter um pressentimento ou uma ideia acerca de qualquer coisa com base apenas na intuição, calcular; ex.: *cheira-me que vai haver problemas*;
- (iii) Conseguir prever ou antever, geralmente baseando-se apenas na intuição \approx detectar; ex.: *um bom soldado cheira o perigo*;
- (iv) Diz-se daquilo que se supõe que não dará bom resultado, ou não sairá bem; ex.: *não me cheira*.

O funcionamento sintáctico e semântico das construções em análise é semelhante em ambas as variantes do português, europeia e brasileira (PE e PB). Estas ocorrências surgem todas em texto jornalístico, preponderantemente de opinião e cartas dos leitores. Podemos assumir que o carácter metafórico destas construções e o facto de apresentarem conhecimento baseado em indícios as tornam pouco compatíveis com texto informativo.

³ As paráfrases utilizadas baseiam-se em definições encontradas em diversos dicionários de Língua Portuguesa consultados.

4. Estrutura sintáctica

Os quatro tipos de construções considerados têm, além de diferentes interpretações semânticas, estruturas sintácticas diferentes. Em (i), (ii) e (iv), temos ocorrências do verbo *cheirar* orientado para o objecto; em (iii), orientado para o sujeito (cf. Viberg, 1983: 136-137).

Basicamente, encontramos, nestes quatro tipos de construções, duas estruturas sintácticas: uma estrutura transitiva e uma estrutura predicativa.

Temos uma estrutura transitiva directa no terceiro tipo, que projecta um SN com caso estrutural Nominativo e papel temático Experienciador e cujo verbo subcategoriza um SN com caso Acusativo e papel temático Tema:

(15) A Maria cheira as mentiras do João à distância.

(16) Ela cheira-as à distância.

No primeiro tipo e no segundo, estamos perante estruturas predicativas em que o verbo pode subcategorizar quer uma Oração Pequena, como no primeiro tipo, quer um complemento oracional (SC), como no segundo. Pode ainda subcategorizar um SP, regido pela preposição *a*, que atribui caso Dativo a um argumento Experienciador.

No primeiro tipo, o verbo *cheirar* subcategoriza uma Oração Pequena,

cujo sujeito tem o papel Tema e cujo predicado pode ser realizado por um advérbio ou por um SP, com a preposição *a* como núcleo, regendo um SN ou um SA; pode ainda subcategorizar um SP Experienciador com caso Dativo:

(17) O assunto cheira(-lhe) mal.

(18) O assunto cheira(-lhe) a esturro.

A possibilidade de substituição da Oração Pequena por um pronome Acusativo comprova o seu carácter oracional:

(19) Cheira mal e cheira-o há muito tempo.

(20) Cheira a esturro e cheira-o há muito tempo.

No segundo tipo, o verbo *cheirar* subcategoriza um complemento oracional, opcionalmente regido pela preposição *a*, e, obrigatoriamente, um SP Experienciador com caso Dativo. Note-se a possibilidade de nominalização do complemento oracional:

(21) Cheira-lhe que os amigos se vão atrasar.

(22) Cheira-lhe a que os amigos se vão atrasar.

(23) Cheira-lhe a atraso.

O quarto tipo pode ser considerado uma elisão do segundo (ou mesmo do

primeiro). É uma construção fixa que consiste numa negação, com o SP Experienciador com caso Dativo obrigatoriamente realizado.

Assumimos, pois, para o verbo *cheirar* a mesma caracterização léxico-sintáctica que é avançada para o verbo *parecer* em Campos e Xavier (1991: 202), no âmbito da Gramática Generativa. No *corpus* em análise, estes dois verbos mostraram grandes afinidades e co-ocorrem em vários casos, como veremos mais adiante.

5. Análise de construções e ocorrências

5.1. Tipo I: Causar determinada impressão; despertar certas suspeitas; ter aparência, semelhança; dar indícios; parecer

As variantes admitidas pela construção inferencial do primeiro tipo são incontáveis. Em comum, possuem o valor avaliativo negativo que veiculam: cheira mal, cheira a esturro, cheira a mofo, mas também: cheira a 1985, cheira a Chile, cheira a Jobim, cheira a anticomunismo, cheira a censura, cheira a chatices antigas, cheira a chantagem melodramática, cheira a tacho, etc.

Detenhamo-nos sobre a análise de duas dessas ocorrências. A primeira, retirada do texto “História e jornalismo”, crítica

de Torcato Sepúlveda ao livro *Memórias das Guerras Coloniais*, de João Paulo Guerra, publicada no jornal *Público* de 30 de Maio de 1994:

(24) “E se os governos de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano não saem limpos deste livro, também as contradições dos movimentos de libertação são enunciadas com frieza e às vezes com dureza. Adriano Moreira, Spínola e Costa Gomes não foram sempre os democratas que hoje afirmam ser? Pois não. Mas a história pessoal e política de Agostinho Neto não cheira muito melhor, ele que não hesitou em empurrar violentamente do caminho para o poder gente honesta como Viriato da Cruz e Mário de Andrade. Para já não falar do sinuoso trajecto político de Jonas Savimbi...”

O autor faz uso da metáfora que associa ética e limpeza, ao afirmar que “os governos de Oliveira Salazar e de Marcelo Caetano não saem limpos deste livro”. De igual modo, o cheiro associado à falta de higiene é transposto para o percurso pessoal e político dos dois líderes africanos referidos, Agostinho Neto e Jonas Savimbi. A expressão “não cheira muito melhor” constitui uma lítotes, com o sentido de

“cheira mal”. Os indícios da falta de ética encontram-se no seguimento: “ele que não hesitou em empurrar violentamente do caminho para o poder gente honesta como Viriato da Cruz e Mário de Andrade”, “[o] sinuoso trajecto político de Jonas Savimbi...”

A expressão “cheirar a esturro”, e/ou a sua variante “cheirar a chamusco”, é uma expressão muito corrente e que admite um grande número de variantes, todas com o sentido de indiciar vigarice. Atente-se no seguinte excerto do texto “Uma crónica séria”, de Ricardo França Jardim, publicado no jornal *Público* de 25 de Maio de 1994:

(25) “Pouco mal virá ao mundo em aceitar-se uma calculadora ou umas quantas esferográficas. Mas cheira a esturro quando todos os cardiologistas franceses são graciosamente equipados com faxes, a pretexto do lançamento de um novo hipertensor; ou, evocando motivos idênticos, uma multinacional norte-americana leva cinco mil especialistas de todo o mundo até às muralhas da China; ou, ainda, a empresa britânica que oferece bilhetes para a Ópera de Viena, estadas e transportes incluídos.”

Nesta crónica, o autor reflecte sobre a

corrupção, em particular a que medeia a relação da indústria farmacêutica com a classe médica. A expressão “cheira a esturro” surge no oitavo parágrafo, de forma perfeitamente contextualizada. Ao longo do texto, o leitor tinha já sido confrontado com diversas expressões que se podem enquadrar no campo lexical da vigarice, nomeadamente: “cunhas, compadrios, jogos de interesses, tráfico de influências”, “comprar consciências”, “abusos”, “amoralidade”, “vantagens”, “meia dúzia de lérias”, “prospectos bem esgalhados”. As ofertas referidas no excerto transcrito surgem na sequência dos “brindes promocionais” que o autor admite serem aceitáveis e inócuos, contrastando, pela sua opulência, com calculadoras e esferográficas. E é nesse contraste que residem os mais fortes indícios de corrupção. A palavra *corrupção* nunca ocorre no texto, mas, até ao final, deparamo-nos com mais expressões que ilustram essa realidade, como: “comissões”, “brindes escalonados”, “induzindo-os a prescrever tal fármaco”, “interesses menos confessáveis”, “lucros (indevidos)”, “buracos (evitáveis) de milhões no orçamento da Saúde”, “enormes abusos”. São igualmente descritas no texto as formas de que se

reveste essa corrupção, além da insinuação final de que esses esquemas são amplamente utilizados, eventualmente, mesmo em Portugal (“Estamos a falar de França, não é?”).

5.2. Tipo II: Ter um pressentimento ou uma ideia acerca de qualquer coisa com base apenas na intuição, calcular

Nestas construções, o verbo *cheirar* subcategoriza um complemento oracional, preposicionado num dos casos encontrados.

Do texto de João Dias Miguel, sobre vigilantes em Lisboa, “A invasão privada das tarefas da polícia”, publicado no jornal Público de 27 de Junho de 1995:

(26) “Estes guardas-nocturnos podem, em caso de «molho», pedir imediatamente auxílio aos colegas pelo rádio, ensanduichar um automóvel em perseguição e movem-se muitas vezes pelo olfacto: «cheira-me que aquele está ali para nos arranjar alguma».”

O verbo *cheirar* exprime aqui, uma vez mais, uma conclusão inferencial baseada em indícios: quem anda a esta hora por estes sítios, não anda a fazer coisa boa; se este indivíduo está aqui

agora, é um legítimo suspeito de actos ilícitos⁴.

5.3. Tipo III: Conseguir prever ou antever, geralmente baseando-se apenas na intuição ≈ detectar

No caso que se segue, temos o mesmo sentido de “pressentir”, “prever”, num texto sobre futebol e o desempenho do Brasil no Campeonato Mundial, intitulado “Brasil, o finalista evidente”, assinado por Manuel Queiroz e publicado no jornal *Público* de 14 de Julho de 1994:

(27) “O Brasil joga cadenciado. Pega na bola, troca-a, de vez em quando explode – se puder ser em contra-ataque, bem ao jeito de Bebeto e Romário, tanto melhor. Mas quando um dos dois, ali perto da grande área, cheira a possibilidade do golo, o Brasil volta a ser o Brasil. Bonito, rápido, criativo. Como aos 26', quando Romário recebeu a bola de Branco na zona frontal, esgueirou-se pelo meio dos centrais, «driblou» o guarda-redes e chutou suave, mas Bjorklund foi lá tirar a bola do risco e Mazinho, na recarga, ainda com a baliza

aberta, atirou por alto. «Ainda estou a tentar saber de onde é que apareceu aquele defesa – a bola era de golo mesmo», diz Romário.”

A afirmação de Romário de que “a bola era de golo mesmo” reforça o sentido de previsão.

5.4. Tipo IV: Diz-se daquilo que se supõe que não dará bom resultado, ou não sairá bem

Na expressão “não me cheira”, o verbo *cheirar* tem o significado de “agradar”. Veja-se a seguinte ocorrência, num texto de Dulce Neto, sobre Mário Leston Bandeira e a greve no ensino superior, intitulado “O teimoso do superior” e publicado no jornal *Público* de 22 de Julho de 1995:

(28) “«Não me cheira», disseram-lhe os sindicatos quando ele chegou com a ideia de criar uma acção de força no ensino superior. «Isto são coisas sérias, é para profissionais, para sindicalistas», objectaram. Mas o pendor paternalista não durou muito tempo e ele conseguiu o que queria: uma frente unida de sindicatos e um movimento sem precedentes nas universidades e politécnicos.”

O significado do verbo *cheirar* oscila

⁴ Ou, de modo mais formal, segundo um raciocínio de tipo *modus ponens*: “se se tem p e se sabe que ‘p implica q’ é verdadeiro, então q é (necessariamente) verdadeiro”.

entre ambos os sentidos elencados: não agrada, porque se supõe que não dará bom resultado, ou não sairá bem.

6. Considerações finais

Pretendeu-se com esta exposição mostrar algumas das potencialidades do verbo *cheirar* como objecto de estudo, no âmbito do valor mediativo que pode assumir. A explorar, ainda, a relação entre este verbo e outros verbos de percepção, com os quais co-ocorre concomitantemente (como *saber* e *soar*, por exemplo), os valores gerados pela realização do SP com o papel de Experienciador e, ainda, a relação com o verbo parecer:

(29) “A terça-feira carnavalesca parece feriado, cheira a feriado e até sabe a feriado.”

(30) “A Lei de Imprensa é que me preocupa, cheira-me a censura!”

Referências bibliográficas

Aikhenvald, A.Y., 2006. Evidentiality. Oxford: Oxford University Press.
Campos, Maria Henriqueta Costa; Maria Francisca Xavier, 1991. Sintaxe e Semântica do Português. Lisboa: Univ. Aberta.

Dendale, P., Tasmowski, L., 1994. L'évidentialité où le marquage des sources du savoir. *Langue Française* 102: Les sources du savoir, 3-7.

Guentchéva, Z., 1994. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. *Langue Française* 102: Les sources du savoir, 8-23.

Guentchéva, Z., 1996. Introduction. In: Guentchéva, Z., ed., *L'énonciation médiatisée*. Louvain/Paris: Éditions Peeters, 11-18.

Jakobson, R., [1957] 1963. Les embrayeurs, les catégories verbales et le verbe russe. In: *Essais de Linguistique Générale I*. Paris: Les Éditions de Minuit, 176-196.

Viberg, Å., 1983. The verbs of perception: a typological study. *Linguistics* 21, 123-162.

Whitt, R.J., 2009. Auditory evidentiality in English and German: The case of perception verbs. *Lingua* 119, 1083-1095.